

ARTIGO

Cinema e fronteira: questões e apontamentos acerca do “estado da arte” das pesquisas atuais

*Cinema and frontier: questions and
notes about the “state of the art” of
current research*

*Cinema y frontera: cuestiones y
apuntamientos sobre el “estado de la
arte” en las pesquisas actuales*

Eduardo Barreto de Araújo

Resumo

O presente texto busca apresentar o levantamento de textos referentes à temática da “Fronteira” e do “Cinema e Fronteira” no banco de dados da Capes, UFSM (Programa de Pós-Graduação em História), no catálogo da Unbral Fronteiras, bem como em revistas no banco da Capes Periódicos. É propósito também levantar questões pertinentes ao estudo sobre revistas de cinema como fontes para a pesquisa e lançar proposições para campos de pesquisas futuras que busquem preencher lacunas nas pesquisas envolvendo o cinema e os espaços onde se manifesta de uma forma geral como fonte para a História.

Palavras-chave: Cinema; fronteira; identidades.

Abstract

The political environment experienced by Brazil was troubled by the deposition of President João Goulart by the military, a fact that unleashed the most repressive period in recent Brazilian history. The Pernambucan Press, like much of the national press, conservative, supports the coup, giving cheers to the victors of the "revolution.

Our work, therefore, aims to understand the characteristics of this relationship between the Catholic Church, the coup and the dictatorship, especially from the performance of the progressive clergy, highlighting how this clash was reproduced in the newspapers of Pernambuco, especially those of circulation in Recife and Caruaru.

Keywords: Cinema; border; identities.

Resumen

El presente texto busca presentar el levantamiento de textos referentes a la temática de la "Frontera" y del "Cine y Frontera" en el banco de datos de Capes, UFSM (Programa de Post-Graduación en Historia), en el catálogo de Unbral Fronteras, bien como en revistas en el banco de Capes Periódicos. Es también propósito plantear cuestiones pertinentes al estudio sobre revistas de cine como fuentes para la investigación y lanzar proposiciones para campos de investigaciones futuras que busquen llenar huecos en las investigaciones envolviendo el cine y los espacios donde se manifiesta de una forma general como fuente para la Historia.

Palabras clave: Cine; frontera; identidades.

O presente texto busca apresentar o levantamento de textos referentes à temática da “Fronteira” e do “Cinema e Fronteira” no banco de dados da Capes, UFSM (Programa de Pós-Graduação em História), no catálogo da Unbral Fronteiras, bem como em revistas no banco da Capes Periódicos e teorizar a respeito da questão da fronteira no gênero de filme western. É propósito também levantar questões pertinentes ao estudo sobre revistas de cinema como fontes para a pesquisa e lançar proposições para campos de pesquisas futuras que busquem preencher lacunas nas pesquisas envolvendo o cinema e os espaços onde se manifesta de uma forma geral como fonte para a História.

Tal material se resume em artigos, dissertações e teses. Também se buscou problematizar e apresentar uma definição do conceito levando em consideração as relações teóricas entre o cinema e as fronteiras culturais que perpassam a definição e formação de identidades, tão presentes nas narrativas fílmicas ao longo do século XX.

Foram selecionados para este texto sobre o “estado da arte” acerca de pesquisas que envolvam a temática central do cinema aqueles que dialogavam com questões como fronteira, estética, representação e crítica cinematográfica. A Sociedade Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual (SOCINE) possui um endereço eletrônico, cujo endereço é www.socine.org, onde disponibiliza para download, em formato PDF, diversos livros resultantes dos encontros realizados ao longo dos anos de atividade da mesma. Nesta pesquisa pude selecionar 18 arquivos, que tratam de assuntos como: crítica cinematográfica, estética e representação cinematográfica. Serão muito importantes para o aprofundamento teórico da pesquisa.

Este texto corresponde também a um levantamento das pesquisas que mesmo tendo o cinema como o objeto principal tragam em seu corpo uma discussão acerca das definições e da problemática da fronteira e indiquem meios possíveis de elucidarem as perguntas que se fazem sobre tal quando se trabalha com a sétima arte.

Então foi intenção deste artigo acerca do “estado da arte” realizar uma atualização das pesquisas envolvendo questões pertinentes à fronteira no cinema de, bem como apresentar uma breve abordagem da questão da fronteira

de forma mais detalhada através da figura do *cowboy* no western, e por fim, da produção de identidades culturais no âmbito das fronteiras.

Uma busca por “Fronteira e Cinema” no catálogo de Teses e Dissertações da Capes obteve 19.928 resultados onde 14.554 são dissertações de Mestrado e 4.984 são teses de Doutorado. Uma nova busca no catálogo de Teses e Dissertações da Capes pela palavra “Cinema” encontrou 6.452 resultados, sendo eles 991 na área de Ciências Humanas e as demais divididas nas outras áreas. Foram 515 em História, destes, 130 Doutorado, 370 Mestrado, 8 Mestrado Profissional, e 7 Profissionalizante. Do total desta pesquisa foram selecionados 45 resultados para a proposta de definição do conceito de fronteira dentro do campo do cinema, envolvendo as narrativas e representações que envolvem o conceito quando trabalhado em cena.

Os trabalhos que envolvem cinema dentro da área de História geralmente se concentram na análise puramente fílmica como objeto principal do estudo. Assuntos como a Primeira e Segunda Guerra Mundial, Guerra Fria (particularmente a temática do Comunismo), Faroestes e o cinema como um instrumento de propaganda de governo dominam as pesquisas. Dentro destes temas citados encontram-se as mais variadas e muitas vezes repetidas pesquisas.

No entanto para fins de busca sobre pesquisas que contenham o cinema como tema principal o resultado é muito rico. Em termos de discussões acerca dos elementos estéticos, usos políticos e contextos diversos em que o cinema se desenvolveu e se fortaleceu como expressão artística não há dúvida que todas dissertações e teses contribuem muito. Portanto há uma lacuna quanto ao estudo do cinema como meio de representação social e como a crítica cinematográfica encara e define estes modos de representação. Uma crítica de cinema para além da análise puramente fílmica ou para além da sinopse da obra.

A fronteira no cinema como representação: o caso do western

Sendo o cinema uma das formas de manifestação humana, criada em fins do século XIX e aprimorada em seus aspectos técnicos e estéticos ao longo do século XX, é intenção abordar aqui de que maneira a fronteira é representada nos filmes entre os anos que abrangem a pesquisa, tentando dialogar com o resultado das buscas no banco de teses e dissertações da Capes citados anteriormente e do resultado encontrado de artigos, dissertações e teses disponíveis. Selecionamos como exemplo o faroeste americano. Mas antes uma discussão sobre uma proposta de definição de fronteira e também de culturas era apresentada brevemente.

A fronteira pode ser política, física, simbólica ou cultural. Mesmo em suas diversas formas a fronteira é construída, ela não existe *a priori*, se constitui em função das diversas narrativas que definem determinada cultura, seja ela dominante ou não, dentro daquele espaço que se define como fronteira.

Achar um caminho onde a definição de fronteira no campo cinematográfico ultrapasse a análise puramente fílmica, uma análise estética apenas, é tarefa difícil. Definir por si só o conceito de fronteira já é uma tarefa árdua, onde há diversos caminhos e maneiras de se estabelecer o que seria a fronteira. Como citado anteriormente, ela é apenas física, política, física por consequência do imperativo da política, cultural, imaginada, simbólica dentro daquilo que podemos aceitar como os costumes e práticas que definem uma identidade que por consequência define e estabelece sua fronteira em relação ao “outro”, ou apenas uma mera representação que resulta da construção daquilo que hoje se conhece por nação? Afinal existe uma definição que contemple o máximo possível desses questionamentos?

Proponho pensar na questão das identidades desenvolvidas por Stuart Hall (2006) e como elas evoluem e se modificam de forma rápida e aquilo que antes era tido como um exemplo prático e duradouro hoje se dissipa rapidamente. As identidades culturais são discursos que se modificam e se refazem de uma forma que antes não era permitido. Não havia assim por se dizer um espaço para práticas culturais que influenciassem a construção na

maioria das vezes inconsciente das identidades sociais como os tempos atuais permitem.

Se levarmos em conta esse tipo de linha de pensamento podemos também pensar na velocidade problematizada por Paul Virilio (1993) que perpassa toda a sua obra, onde afirma que toda tecnologia provém das guerras, e como mecanismos militares influenciam e moldam as práticas sociais, modificando assim toda a estrutura anterior dos grupos. O que pretendo dizer com isso é que se o cinema é uma ferramenta onde as práticas sociais, os códigos culturais, os sistemas assim por dizer, são representados, a velocidade com a qual o próprio cinema interagiu ao longo do século XX influencia diretamente em sua forma de representar as identidades. Vejamos o exemplo da fronteira e de como Hollywood representou a expansão para o Oeste na figura do caubói.

O homem cujos valores são a ética, a justiça e uma noção de progresso que entra em conflito com o atraso dos povos nativos, que por sua vez são definidos e representados como matreiros, bandidos, e um empecilho ao ideal de nação em progresso defendido pelo discurso americano, que se traduzem muito bem nos clássicos de faroeste. Hobsbawm em “Tempo Fraturados: Cultura e Sociedade no Século XX” (2013) já indaga e questiona, afirmando que o mito do caubói é o elemento “*sui generis*” da fronteira. Seus valores e suas práticas que são reflexos da modernidade nascente e da civilização em contraste com a barbárie e o atraso dos “outros” povos. E isto será um dos símbolos formadores da fronteira americana.

Se analisarmos minuciosamente a pesquisa dos bancos de dados outrora citados, encontraremos a temática da fronteira em alguns trabalhos na forma de análise fílmica dos chamados “faroestes”. Em particular apresentou-se a dissertação de mestrado de César Henrique Guazzelli e Souza (2014) intitulada “A subversão da fronteira: o “spaghetti western” como crítica ao ideal de progresso”, defendida na Pontifícia Universidade Católica de Goiás. A “subversão” proposta aqui se dá no sentido de que o ideal de progresso atribuído ao “cowboy” americano, que na sua luta contra os “malvados” índios contribui para a expansão para o Oeste é totalmente invertida e apresentada

como se fosse algo antagônico ao que representou tanto o cinema norte-americano.

O heroísmo, a bravura, a honra somem e dão lugar ao banditismo, a violência e a truculência com que este mesmo cowboy herói antes agora seja representado como o vilão da história. Outras teses e dissertações também problematizaram o tema da fronteira, e estão citadas nas referências, mas optei por selecionar apenas a citada acima visto que inverte o papel consagrado dado ao cowboy em seu “habitat natural”, a fronteira.

Ora, se lembrarmos que Frederick Jackson Turner (1893) em seu “Significado da Fronteira na História Americana”, já defende a expansão para o Oeste e a ampliação da fronteira americana como algo positivo, veremos a importância desse diálogo proposto na dissertação visto que se trata de uma proposta onde os valores da expansão para o Oeste sejam questionados e, seja alvo de paródias através do cinema italiano, realmente pode ser encarada como uma subversão.

Levando em conta que o homem que expande a fronteira americana rumo ao Oeste entra em contato com povoações nativas e o conflito, bem como as relações que daí surge, forja sua identidade, há no espaço dessa fronteira que se expande um espaço para a discussão e o estabelecimento daquilo que Fredrik Barth (1976) levantou, que as relações sociais, étnicas, formam identidades dos grupos e que a convivência e troca, assim como a geografia, definem as relações comerciais e culturais que resultam nos traços culturais de um grupo maior, que pode ser considerado como nação e que em suas particularidades é formado por diversos outros grupos étnicos. Nesse trabalho de César Henrique Guazzelli e Souza o mito da fronteira e seu ideal de progresso são questionados e representados como negativos. Nas palavras do próprio autor:

...os *spaghetti westerns* subverteram as regras do *western* clássico americano e, dessa forma, construíram uma representação do mito da fronteira em negativo, que dá a ver a conquista do oeste não como uma marcha do progresso ou uma jornada civilizadora, mas como um caminho cujo legado é a entronização da barbárie (SOUZA, 2014, p. 26).

Ora temos aqui uma forma de representar a fronteira “às avessas”. Particularmente o cinema tem a possibilidade de subverter valores dados como

verdadeiros e lançar uma nova leitura sobre fatos. A narrativa de uma obra cinematográfica permite milhares de representações e interpretações de um mesmo tema. Jamais se esgotam as possibilidades. Lembrando que a geografia e o meio onde o homem vive não determina mas influencia seu comportamento, sua prática cultural, e por assim dizer ajuda a definir, moldar a fronteira, algo que Fredrik Barth e seus pares compartilham e discutem em *“Los Grupos Etnicos y Sus Fronteras”* (1976) e que é também problematizado nas definições acerca do conceito de cultura em Roque de Barros Laraia (2001). Ou seja, a gama de possibilidades e instrumentos naturais ou não, no caso aqueles criados pelos grupos, são os formadores e definidores do que reconhecemos como fronteiras.

Cinema: espaço de representação das fronteiras culturais

O que seria uma fronteira cultural afinal? Seriam as manifestações culturais que definem o “eu” e o “outro” a partir das práticas? Seriam o idioma, a religião, a música exemplos de fronteiras culturais? Mas a mesma fronteira cultural que define e pode separar pode fazer unir os “diferentes” dentro daquilo que a modernidade intitulou como nação. Se levarmos em conta que a cultura pode ser definida como um conjunto de sistemas e representações que são passados de geração em geração, e sua prática permite a sobrevivência do indivíduo dentro do grupo social em que se insere, e também garante a sobrevivência do grupo ao longo dos tempos, numa aproximação daquilo que desenvolveu Roque de Barros Laraia em *“Cultura: um conceito antropológico”* (2001), então também podemos considerar o cinema como um dos sistemas de representação que ao longo do século XX se desenvolveu e aprimorou o seu modo de representar estes códigos de sistemas dos grupos sociais.

Sobre a prática simbólica nas ações dos grupos sociais que resultam na afirmação ou na negação das fronteiras culturais e a compreensão destas representações simbólicas que definem também o “eu” e o “outro” Sandra Jatahy Pesavento define que

É por esse viés de compreensão da fronteira que se confrontam as percepções da alteridade e da identidade, ou que se contrapõem as construções imaginárias de referência, definindo-se ou “outros” com relação a “nós” e vice-versa. Portanto, o “recorte” epistemológico que “encerra” o conceito de fronteira é capaz de, paradoxalmente, anular

este mesmo critério do espaço e avançar para o plano dos significados partilhados (PESAVENTO, 2002, p. 36).

Então o cinema e suas representações das fronteiras culturais são um meio também de compreender o sistema de símbolos de um determinado grupo social, levando em conta as narrativas que se faz da fronteira ou das fronteiras em pleno desenvolvimento, contração ou dilatação.

Não podemos cair na tentação dos “ismos” como disse Pierre Bourdieu (2008) para definir o modismo de novo século. Levando em consideração aquilo que foi advertido como o perigo dos “ismos” e das definições que ultrapassam os limites tentando definir algo que a prática social coloca em xeque e põe por terra muitas vezes. Alguns parâmetros que formaram e definiram as fronteiras ainda permanecem imutáveis. Como o aspecto político e bélico de muitos locais, que entram em conflito com as práticas culturais do novo século e tencionam assim a relação com o discurso que acaba por reforçar muitas vezes valores que se encontram na origem das questões fronteiriças.

O “não-lugar”, o “não-pertencimento”, as identidades voláteis se dissipando no discurso da necessidade de adaptação aos “novos tempos”, que na realidade produzem uma volta ao antigo, a barbárie e a fronteira interna ou externa expõe esse conflito muito bem, de forma bem clara, vide as questões étnicas ainda presentes no leste europeu, a crise de imigração para a Europa e o debate em torno da aceitação destes “novos membros” em uma sociedade fechada em valores rígidos mas que construiu sua economia alicerçada na mão-de-obra imigrante, no caso da Alemanha, ou mais perto de nossa realidade, o caso da Venezuela e o movimento migratório resultante do caos político, econômico e social que bate às portas da fronteira brasileira e exige uma política de acolhimento destes indivíduos, que também gera um debate social e desperta o discurso muitas vezes de reforço de uma identidade nacional que feche a fronteira ao vizinho na manutenção daquilo que falei anteriormente, uma criada, recente e baseada em valores duvidosos de unidade, a nação.

A velocidade produz um desequilíbrio na estabilidade daquilo que outrora era definido como fronteira. As identidades e suas mudanças que ao longo do século XX percebemos e acompanhamos se evidencia cada vez mais

naquilo que podemos definir como “cinema distópico”, tão comum nos últimos anos. Seria influência, ou resultado das dilatações e interações sociais que ultrapassam os limites antes definidos e rígidos da fronteira? Seria a cultura o elemento cada vez mais determinante para que a fronteira definitiva seja testada e entre em conflito com os ideias daquilo que antes se definia como a nação? Se a resposta for sim, pode-se encontrar na velocidade das trocas culturais e na velocidade com que os grupos sociais interagem os principais responsáveis por isso. Se o cinema foi de poucos e lentos quadros por segundo em seu início desacreditado por muitos, hoje ele avança em frames mais velozes e que proporcionam uma velocidade de representação que traduz em muitos sentidos o dia a dia.

Ora, o cinema e seus FPS (*Frames* por segundo) cada vez mais velozes contribuem para a percepção de tempo veloz. E nunca antes o cinema passa tão bem a ideia do “tempo-valor” de Paul Virilio (1993). Velocidade como sinônimo de sucesso. Falácia defendida e difundida como ideal de progresso.

O cinema contribui na disseminação de valores que influenciaram na construção do homem moderno, a arte, a expressão criando um espaço de narrativa da modernidade e contribuindo para a representação da identidade, que com o avançar da velocidade cria possibilidades diversas de percepção, recepção e de associações do indivíduo dentro dos grupos sociais.

No “ciberespaço” de Paul Virilio, a ordenação do tempo e da velocidade encurta os espaços e necessariamente modificam a ideia de pertencimento que as fronteiras outrora garantiram. Neste sentido o cinema torna-se uma fonte rica de conhecimento desta evolução de representatividade e narração do conceito de fronteira cultural. Onde se representa na tela os valores daquilo que é visto como cultura e se fortalecem as práticas que formam a fronteira, seja ela política, social, cultural ou simbólica.

A dissertação de Maurício José de Souza Júnior (2014), sob o título de “O Cinema e a Grande Guerra (1914-1918): os filmes sob as perspectivas do regime estético das artes de Jacques Rancière e dromologia em Paul Virilio” problematiza esta questão e faz apontamentos na direção de como a velocidade

interfere na percepção das representações cinematográficas e indica caminhos ainda não percorridos nas pesquisas sobre o cinema.

Crítica cinematográfica: um campo a ser explorado

Então se torna um desafio analisar a crítica cinematográfica e problematizar como foi recebido ao longo do período da pesquisa, entre os anos de 1929 até 1967, estas questões. Identificando no discurso dos críticos e na análise das obras a percepção destas narrativas fílmicas e suas representações sobre temas que abrangem a cultura do homem moderno, a partir daquilo que o cinema definiu como modernidade e que os críticos tanto se empenharam nas revistas em deixar claro do que se tratava. A dissertação de Fernanda Generoso (2016) intitulada “A serviço do cinema: História e Cultura Política nas revistas *A Scena Muda* e *Cinearte* na década de 1930”, indica um caminho de análise a respeito das revistas e sua importância no debate acerca do conceito de modernidade:

Neste aspecto, as revistas ilustradas das primeiras décadas do século XX devem ser entendidas como parte de um sistema cultural, lugar de estruturação de redes de sociabilidade que auxiliam na formação da ideia de modernidade (GENEROSO, 2016, p. 9).

Três pesquisas contribuíram muito no sentido de definir o papel e a importância das revistas e dos críticos de cinema. Uma tese escrita por Hélio Moreira da Costa Júnior (2015) intitulada “O Onírico desacorrentado: o movimento cineclubista brasileiro (do engajamento estético à resistência política nos anos de chumbo – 1928 - 1988)” e defendida na Universidade de São Paulo que perfaz o caminho do movimento cineclubista brasileiro, com ênfase ao cineclubes Chaplin-Club, apresentando os primórdios daquilo que se concretizaria ao longo dos anos como o corpo de crítica cinematográfica brasileiro.

A tese também discute questões estéticas que se fizeram presente no trabalho dos críticos, bem como uma modificação de postura nos anos que se caracterizam como anos de chumbo dentro da ditadura civil-militar brasileira

até sua abertura política e como se manteve ainda em atividade mesmo quando se demonstrou um enfraquecimento da atividade dos cineclubes.

Um trabalho muito importante pelo fato de que nos anos 20 o cineclubismo, que nasce na França torna-se também o lugar por excelência de muitos daqueles que viriam a ser os críticos de cinema das principais revistas do Brasil, especializadas no assunto ou que proporcionavam um espaço generoso em suas páginas para a discussão acerca das obras cinematográficas que chegavam aos cinemas mundiais e brasileiros. Nesse sentido a leitura da tese colaborou para a compreensão deste processo de surgimento e fortalecimento das relações dentro dos cineclubes brasileiros.

A tese de autoria de Margarida Maria Adamatti (2015) com o título de “A crítica cinematográfica no jornal alternativo *Opinião*: frentismo, estética e política nos anos setenta”, defendida na Universidade de São Paulo. Mais um trabalho que também demonstra como a prática da crítica cinematográfica foi de extrema importância no período da ditadura civil-militar no Brasil. A tese apresenta como críticos importantes como Jean-Claude Bernardet, Sérgio Augusto, Marcos Ribas de Farias, Gustavo Dahl, José Carlos Avellar e Clóvis Marques apresentaram suas críticas e de que maneira as mesmas traziam discussões acerca das questões políticas, estéticas e do papel do intelectual, bem como questões de cultura popular e linguagem cinematográfica. A questão principal da tese se encontra no fato de tentar mapear e apresentar a tentativa de consolidar o campo do cinema brasileiro na década de 70 e de como a prática dos críticos de cinema se insere num panorama mais amplo de resistência cultural.

E a dissertação “Além da crítica: Os Intelectuais do Grupo de Estudos Cinematográficos do Amazonas e suas relações com o poder (Anos 60)”, de autoria de Gláucia de Almeida Campos (2015) do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Amazonas. Manaus vai ao encontro dos outros trabalhos no sentido de demonstrar como o trabalho dos críticos de cinema foi importante para o desenvolvimento da prática ao longo do século XX no Brasil, porém traz um elemento novo ao incorporar uma análise crítica de como estes intelectuais que atuavam na crítica de cinema e dos estudos acerca

da sétima arte se relacionavam com os círculos de poder da sociedade onde se inseriam, buscando o que a autora define como afirmação social.

Aborda também uma discussão interessante dentro da teoria dos conceitos de *Habitus* e *Campo Social*, elaborada por Pierre Bourdieu para tratar os processos de disputas simbólicas e representações dentro do campo de poder ao qual pertenciam.

Conclusão

Foi objetivo realizar como citado um levantamento dos trabalhos acerca do cinema, da questão de fronteira, especificamente do gênero western e as problemáticas da identidade na fronteira que o gênero representou nas telas ao longo dos anos.

Este levantamento faz parte de uma pesquisa mais ampla envolvendo o cinema, como a questão da crítica cinematográfica, dos periódicos que problematizam o cinema de alguma maneira e de questionamentos mais amplos, como as representações das identidades nas obras fílmicas.

Por fim, ficou evidente que tais campos ao serem explorados por historiadores a fim de ampliarem as pesquisas, levantam também outros questionamentos sobre o conceito de cultura e os meios onde o debate entre cinema, modernidade e cultura se iniciaram.

O cinema se caracterizou por ser um destes locais de cultura, representando as mais diversas narrativas, sejam as narrativas nacionais acerca da fronteira política ou cultural. É certo que no espaço entre seu nascimento e seu desenvolvimento pleno como instrumento de expressão artística, o cinema garante um espaço sólido e ainda em desenvolvimento quanto à pesquisas que envolvam as capacidades de representação, o modo de sua narrativa, para além da estética dos elementos que o compõem, bem como dos críticos e de seu trabalho que evolui e se aprimora juntamente com as obras fílmicas.

Então se espera com este trabalho quantificar de certo modo e qualificar um “norte de pesquisa”, bem como realizar o chamado estado da arte das pesquisas envolvendo cinema. Um levantamento dos trabalhos desenvolvidos e

em desenvolvimento, que tratem das questões problematizadas ao longo do artigo.

Referências Bibliográficas

ADAMATTI, Margarida Maria. **A crítica cinematográfica no jornal alternativo *Opinião: frentismo, estética e política nos anos setenta***.477 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Meios e Processos Audiovisuais – Escola de Comunicações e Artes/Universidade de São Paulo. São Paulo, SP, 2015.

BARTH, Fredrik. **Los Grupos Etnicos y Sus Fronteras: La organización social de las diferencias culturales**. 1976.

CAMPOS, Gláucia de Almeida.- **Além da Crítica: Os Intelectuais do Grupo de Estudos Cinematográficos do Amazonas e suas relações com o poder (Anos 60)**.129 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Amazonas. Manaus, AM, 2015.

GENEROSO, Fernanda. **A serviço do cinema: História e Cultura Política nas revistas *A Scena Muda e Cinearte* na década de 1930**. 159 f. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós Graduação em História Social no setor História Contemporânea II. Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro, RJ, 2016.

HOBSBAWM, Eric. **Tempos Fraturados: Cultura e sociedade no século XX**. São Paulo: Companhia das Letras, 2 013.

JÚNIOR, Hélio Moreira da Costa.**O Onírico Desacorrentado: o movimento cineclubista brasileiro (do engajamento estético à resistência política nos anos de chumbo – 1928 - 1988)**.256 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em História Social, do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, SP, 2015.

JÚNIOR, Maurício José de Souza. **O Cinema e a Grande Guerra (1914-1918): os filmes sob as perspectivas do regime estético das artes de Jacques Rancière e dromologia em Paul Virilio**.158 f. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, MG, 2014.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Além das Fronteiras. In: MARTINS, Maria Helena(org). **Fronteiras Culturais: Brasil – Uruguai – Argentina**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

SOUZA, César Henrique Guazelli e. **A subversão da fronteira: o spaghetti western como crítica ao ideal de progresso**. 181 f. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Goiás, GO, 2014.

VIRILIO, Paul. **Guerra e Cinema**. São Paulo: Editora Página Aberta, 1993.